REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR NOVA TERRA

CC BY NC SA

Práticas pedagógicas libertadoras: relatos de uma experiência no estágio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Josilma Maria da Silva
Rede Estadual de Educação Básica. Pedagoga, https://orcid.org/0009-0002-9717-1043
josilmamaria03@gmail.com.

Ivânia Paula Freitas de Souza Sena
Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Doutora em Educação. https://orcid.org/0000-0002-6834-8842
ipfousza@uneb.br

Resumo: Este relato de experiência é resultado do estágio nos Anos Iniciais Ensino Fundamental, desenvolvido no Curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia - UNEB – Campus VII realizado no período de abril a julho de 2022, totalizando uma carga horária de 180 horas. O estágio subdividiu-se em encontros para tematização teórica, estudos de textos e a práxis pedagógica, além do período de observação e regência. O objetivo do relato é refletir sobre os desafios da docência, na busca da inserção de práticas pedagógicas libertadoras nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola do campo. Com abordagem de natureza qualitativa, o suporte para as questões aqui refletidas são os registros da observação que antecedeu a regência – Diagnóstico da Realidade Comunitária e Escolar – DRCE, o diário de bordo que registrou semanalmente as principais aprendizagens e desafios da regência, e o relatório final do estágio. Conclui-se o relato destacando que, mesmo ações mínimas em uma sala de aula no curto período de estágio, surtem um grande efeito e significado no meio escolar e pessoal de quem vivencia essas práticas. Estas vivências são fundamentais para que se possa ter real dimensão dos desafios que a práxis docente impõe, especialmente, quando ela se coloca para enfrentar as formas autoritárias que estão enraizadas na escola.

Palavras-chave: Formação docente; Estágio; Práticas pedagógicas libertadoras.

Liberating pedagogical practice: reports of an experience on internship at initial years of elementary school

Abstract: This experience report is the result of the internship at initial years of elementary school, developed at a Pedagogy Course of the University of Bahia State – UNEB – Campus VII, which occurred from April to July, 2022, with 180 hours of workload. Internship was divided in meetings for theoretical discussions, text study and pedagogical praxis, besides the period for observation and teaching practice. The purpose of the report is to think about the challenges for teaching, aiming the insertion of liberating pedagogical practices at the initial years of elementary school in a rural school. Considering that this work has a qualitative approach, the basis for the analysis is

taken from the reports of the observation that was developed before the teaching practices – Diagnose of the School Community Reality- DRCE, the research diary where the major learnings and teaching challenges were registered weekly, and the internship final report. The report is concluded pointing out that, even minor actions, developed in a classroom in a short period of internship, brings important meaning and effect for the school and for the person who experience these practices. These experiences are fundamental in order to understand the real dimension of the challenges brought by teaching praxis, especially when it is posed to face the authoritarian practices that are embedded at school.

Keywords: teaching formation; internship; liberating pedagogical practice.

Practicas pedagógicas liberadoras: relatos de una experiencia de pasantía en los años iniciales de la educación fundamental

Resumen: Este relato de experiencias es el resultado de una pasantía en los años iniciales de la educación fundamental, desarrollado en el curso de Pedagogía de la Universidad del Estado de Bahía (UNEB), durante los meses abril-junio de 2022, totalizando una carga horaria de 180 horas. La pasantía se subdividió en encuentros de abordaje teórica, estudio de textos y praxis pedagógica, aunado al periodo de observación y gestión. El objetivo del relato consiste en reflexionar los desafíos docentes, en la búsqueda de inserción de prácticas pedagógicas liberadoras en los años iniciales de la educación fundamental en una escuela de campo. Con un abordaje y una modalidad de tipo cualitativa, las referencias para las cuestiones aquí reflexionadas provienen de los registros de observación ya existentes en la institución (Diagnóstico de la Realidad Comunitaria y Escolar -DRCE-, el diario de registro que permitió levantar información semanal sobre los principales aprendizajes y desafíos de la gestión, y el informe final de la pasantía. Se concluye el relato de experiencias destacando que las acciones realizadas en sala de aula, aunque mínimas durante el periodo de pasantía, resultaron de gran efecto y significación en el ambiente escolar y personal de aquellos que vivenciaron tales prácticas. Dichas vivencias resultan fundamentales para que se pueda tener una real dimensión de los desafíos que tensionan la praxis docente, especialmente cuando enfrentan las formas autoritarias que están enraizadas en la escuela.

Palabras-clave: Formación docente, pasantías, prácticas pedagógicas liberadoras.

O campo da experiência

O relato de experiência resulta do estágio curricular nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, desenvolvido no Curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus VII, no ano de 2022. O estágio é entendido como uma atividade de pesquisa do tipo participante e tem uma carga horária de 180 horas. As atividades deste componente

foram organizadas em encontros para aprofundamento de estudos sobre a docência com foco nas contradições que desafiam a práxis pedagógica. Além dos encontros que ocorreram semanalmente, foram desenvolvidas 30 horas de observação com um mapeamento da comunidade e da instituição educativa, com atenção especial à turma onde a regência seria desenvolvida. As informações colhidas favoreceram a escrita e elaboração do projeto, bem como a atuação em sala de aula nas 80 horas de efetivo trabalho escolar, além da participação nos planejamentos quinzenais da escola. O estágio ocorreu nos meses de abril a maio em uma Escola do Campo do município de Campo Formoso-Bahia.

A formação docente passa por diferentes etapas que provocam no discente em formação, um processo de reflexão sobre o campo de atuação do exercício da educação, ensino e aprendizagem. Ao adentrarmos em uma universidade, carregamos bagagens que se configuram como conhecimentos do senso-comum, detemos verdades que consideramos absolutas, mas no meio acadêmico nos deparamos com a teorização, ou seja, com conhecimentos mais elaborados que nos proporcionam aprofundar o entendimento de conceitos e métodos diversos que subsidiam nossa prática.

Entendemos que o papel docente é amplo e não se reduz ao processo da execução como uma receita sobre como ensinar, mas envolve desenvolver o ensino com significado. Obtém-se também nesse processo uma maior compreensão do campo de abrangência do/a pedagogo(a), uma vez que atua em diversas dimensões da educação, seja ela escolar ou não. Diante desse processo de ressignificação, discussão, refletindo e estudando cada componente curricular que é demandado no curso de Pedagogia, chega-se o momento de vivenciar a docência através do componente de Pesquisa e Estágio.

Nesta etapa, vivenciamos descobertas, desafios e perspectivas que envolvem a regência no contexto escolar. Dentre as aprendizagens dessa experiência, partimos do entendimento que o fazer pedagógico, a práxis educativa, é um exercício teórico-prático que nos dá a compreensão da realidade escolar e nos desafia a transformá-la. O estágio supervisionado nos traz aprendizagens que ficam na memória profissional, sendo um momento fundamental da formação de professores e professoras.

A experiência aqui refletida ocorreu com uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental. O processo percorrido entre observação das aulas, escola e prática docente, possibilitou uma compreensão que me qualificou para ser uma profissional da educação com maior entendimento

da profissão. Foi no estágio em que, como pedagoga em formação, vivenciei a primeira experiência de sala de aula, na qual as personalidades e características peculiares dos estudantes propiciaram-me reinventar-me diariamente. O estágio como campo de ação e de pesquisa, fez-me questionar sobre as peculiaridades da docência. Nos diversos momentos da experiência na regência, foram muitos os desafios que me provocaram a buscar maneiras de compreender melhor o funcionamento da sala de aula. Eles decorreram das situações experienciadas e os relatos ouvidos de colegas e professoras da escola, sobre a situação dos/as alunos/as na volta às aulas presenciais, após o período remoto, em decorrência do afastamento social pela COVID-19 nos anos de 2020-2021.

Durante a observação, vi na sala de aula tudo que eu não conhecia, crianças que gostavam de conversar, mesmo durante as explicações, e que discutiam de forma ríspida entre si; crianças birrentas, raivosas e briguentas que pareciam estar em constantes confrontos e isso exigiria saber intervir como professora e a pessoa adulta da classe. Já na regência, busquei conversar mais com elas, para entender e solucionar os problemas que apresentavam, tentando encontrar saídas que não fossem as mesmas práticas autoritárias e repressivas, tão comuns, embora estivesse ciente que talvez elas resolvessem o problema de imediato. Mas, sabia também, que elas não mudariam o comportamento da turma de forma definitiva e que tudo voltaria a se repetir quando a ameaça perdesse a força.

Os questionamentos diários diante da práxis em sala de aula me fizeram recorrer, diariamente, aos objetivos propostos no projeto que orientou a minha ação na regência, entre os quais: reconhecer-me enquanto professora; compreender a realidade pedagógica na modalidade de ensino e desenvolver didaticamente os conteúdos propostos. As muitas incertezas me trouxeram apreensão e ansiedade sobre as possibilidades de alcançar estes objetivos. Ao mesmo tempo que queria desistir e seguir outra profissão, deparava-me, em cada aula, com o reconhecimento das crianças perante o meu trabalho. O meu maior desafio foi o domínio de sala, manter a sala em condições de fazer a intervenção pedagógica. Isso me fez questionar se seria possível garantir a atenção da turma, resolver os conflitos entre os alunos sem que fosse necessário recorrer a práticas autoritárias. Havia em mim, a certeza de que precisava buscar outras formas de lidar com o comportamento desafiador daquela turma.

Foi com base nesse percurso que surgiram os questionamentos: como fazer uso de práticas pedagógicas para um ensino e aprendizagem de maneira não autoritária e sem

repressão? Quais alternativas pedagógicas são possíveis para promover no/a estudante um sentimento de acolhimento, desejo de aprender, de trabalho coletivo e não o individualismo? O objetivo deste relato é, portanto, refletir sobre os desafios da docência, tendo como referência o estágio, na busca da inserção de práticas pedagógicas libertadoras nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola do campo.

A abordagem é de natureza qualitativa e teve como suporte para as questões aqui apresentadas, os registros da observação que antecedeu a regência, presentes nos seguintes instrumentos: Diagnóstico da Realidade Comunitária e Escolar – DRCE, o diário de bordo, que registrou semanalmente as principais aprendizagens e desafios da regência e, o relatório final de estágio.

A formação docente do curso de pedagogia: o estágio como referência

O ingresso em uma universidade proporciona vivenciar etapas configurando em um primeiro momento como iniciação à profissão. Nessa fase de calouros/as experienciamos a reelaboração dos entendimentos construídos e internalizados na escolarização, conhecimentos pedagógicos baseados no senso comum (Santos, 2019). No decorrer do curso, a formação perpassa por experiências importantes, provocando reflexão sobre o fazer docente. Dentre as experiências mais efetivas, destaco o estágio, momento esperado pelos/as discentes para experimentar o que significa ser professor/a regendo uma sala de aula.

No percurso acadêmico, estudamos e adquirimos conhecimentos com o propósito de obter uma compreensão de como ocorre o ensino, a profissão do/a pedagogo/a. Aprendemos com Pimenta e Lima (2005/2006) que o estágio é práxis, é onde teoria e prática caminham juntas ampliando a visão de docência através de um processo reflexivo que nos leva a compreender o sentido da docência como profissão teórico-prática. Segundo as autoras, existem, contudo, concepções que as definem separadamente, que colocam teoria e prática em lugares diferentes. Para as autoras, essa visão abala a formação profissional uma vez que reforça a ideia de que o conhecimento está separado da ação. Na regência, aprendemos que não há como pensar no como fazer, sem que se saiba o que é preciso fazer e por qual motivo se deve fazer.

É essa a grande contribuição do estágio supervisionado, adentrar em uma realidade escolar, observar e compreender como estão imbricados os conceitos de teoria e prática, propondo um processo reflexivo das metodologias pedagógicas discutidas ao longo do curso e as ações exercidas na regência, nos ajudando a entender a profissão que nos espera. O estágio é uma etapa importante dos cursos de licenciatura e abrangente, pois ele é "atividade curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade [...]. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá" (Pimenta; Lima, 2005/2006, p. 14). Afirmam que,

> A prática educativa (institucional) é um traço cultural compartilhado e que tem relações com o que acontece em outros âmbitos da sociedade e de suas instituições. Portanto, no estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores se apropriem da compreensão dessa complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais, como possibilidade de se prepararem para sua inserção profissional. É, pois, uma atividade de conhecimento das práticas institucionais e das ações nelas praticadas (p. 12).

Entendemos que é importante essa inserção escolar que o estágio nos propicia, pois ela nos favorece maior conhecimento das práticas educativas nas instituições de ensino, gerando uma vivência capaz de ampliar o pensamento crítico que nos levará a intervir para as mudanças necessárias. É nesse sentido, que a profissão docente, como dizem Pimenta e Lima, "é uma prática social, ou seja, como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino" (Pimenta; Lima, 2005/2006, p. 11).

Desse modo, afirmamos que o estágio como experiência formativa, apesar do pouco tempo, considerando a complexidade dessa etapa, nos aproxima da práxis de forma muito intensa. É assim que "a universidade e a escola se tornam ricos espaços de aprendizagem da docência, concedendo ensejo a momentos contínuos de experimentação das teorias pedagógicas na realidade escolar" (Farias; Costa, 2022, p.131).

Como espaço de aprendizagem, o estágio é, sobretudo, oportunidade de pesquisa para que futuros/as professores/as possam compreender e problematizar os desafios que encontram no exercício da docência. Foi por entender o estágio dessa forma, que me senti desafiada a pensar como ajudar a turma, e a mim mesma, a construir outros comportamentos, outras atitudes pedagógicas que partissem do respeito e dialogicidade, buscando manter uma sala mais

atenciosa e harmoniosa. A minha meta era tentar não fazer uso de recursos que eram comumente utilizados nas escolas, como o grito, o castigo, as ameaças de levar o/a aluno para a direção, entre outras formas que sempre apontam para a repressão, o autoritarismo, e não para o diálogo.

Villela e Archangelo (2013) fazem uma crítica ao sistema de normas disciplinares em que as escolas se baseiam, expondo regras e deveres para serem cumpridos por estudantes, buscando prevenir a indisciplina. Em alguns casos, Villela e Archangelo (2013) apontam que é necessário que haja regras para que não ocorra algum acidente com as crianças, mas alertam que a superproteção e a limitação exageradas, não favorecem que as crianças desenvolvam sua autonomia. Destacam, ainda, que o princípio organizador das atividades pedagógicas em uma escola significativa, deve ser uma abordagem voltada para as relações humanas. Isso nos leva a compreender, que uma abordagem focada na restrição da bagunça ou indisciplina, surtirá pouco efeito na superação desses comportamentos. A escola deve ser o lugar em que novas experiências sejam vivenciadas e que promovam aprendizagens positivas no processo de formação dos(as) estudantes.

O *locus* do estágio e seus sujeitos: a importância de conhecer a comunidade para compreender a escola e os seus desafios

A observação que antecede a regência é considerada um dos momentos mais relevantes do estágio, pois é através dela que podemos conhecer, compreender e analisar o contexto real em que a escola está situada, suas ações educativas e pedagógicas, percebendo a escola dentro da cultura comunitária (Rios, 2022). O Diagnóstico da Realidade Comunitária e Escolar – DRCE é o resultado das informações colhidas que favoreceram pensar a intervenção pedagógica, realizando o projeto e elaborando os planos de aulas, foi ele que nos levou a conhecer a realidade onde iríamos viver a experiência de estágio.

O percurso do estágio foi em uma escola do campo da Rede Municipal de Ensino de Campo Formoso. A comunidade é considerada como um polo, pois o seu entorno é composto por povoados circunvizinhos, assim sendo, a escola acolhe estudantes de diversos povoados. Buscando partir da realidade vivenciada, procurei aproximar-me da comunidade, pois compreendo que, ao conhecer mais o contexto das famílias e crianças, seria possível trabalhar de forma contextualizada, estabelecendo relações entre o currículo e a prática social dos (as)

estudantes. Partir do pressuposto de "que o conhecimento prévio é, isoladamente, a variável que mais influencia a aprendizagem". Assim, "só podemos aprender a partir daquilo que já conhecemos" (Moreira, 2005, p. 13), entretanto, o/a estudante não é passivo/a no processo de aprendizagem, produz e constrói o conhecimento fazendo uso dos significados que vão construindo. Dessa forma, "os significados vão sendo captados e internalizados progressivamente e nesse processo a linguagem e a interação pessoal são muito importantes" (Moreira, 2005, p.14).

Freire (2022) diz que é fundamental partirmos do entendimento de que somos seres "de relações e não só de contatos", por isso, não apenas estamos "no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é" (p. 55). Isso nos leva a entender que o meio em que estamos inseridos é a realidade da qual carregamos características, porém não estamos excluídos do mundo e precisamos compreendê-lo por mais desafiante que seja. Dessa maneira,

> Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade. A captação que faz dos dados objetivos de sua realidade, como dos laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro, é naturalmente crítica, por isso, reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos (Freire, 2022, p. 56).

Freire reitera que estamos no mundo, e por isso aprendemos na relação com o nosso contexto e na totalidade social, ou seja, na relação com outras realidades e culturas. Assim, para desenvolver uma formação que dialoga com o contexto é preciso conhecer as características do ambiente onde irá atuar e de seus sujeitos. Na escola onde vivi a experiência do estágio, funcionavam duas modalidades de ensino. No período matutino, o Ensino Fundamental dos Anos Iniciais foi composto por duas turmas de 2º ano, duas turmas de 3º ano e duas turmas de 4º ano. No vespertino o de Ensino Médio é a extensão do Colégio Estadual do Campo de Campo Formoso em parceria com o município. Destaco esses dados, pois a escola foi reaberta para a modalidade Ensino Fundamental, com novo quadro de funcionários/as para as funções. A turma do 4º ano estava na faixa etária de nove anos, tendo uma divisão equivalente entre os meninos e meninas, composta por um total de 19 (dezenove) alunos/as.

Na etapa de observação, foi possível verificar que as crianças estavam alfabetizadas e letradas. Existiam casos particulares em que alguns estudantes tinham dificuldade na leitura.

Observei que a maioria, ao realizarem atividades, faziam com desenvoltura e rapidez enquanto outros/as se dispersavam e demoravam na execução. Na turma havia um aluno com Transtorno do Espectro Autista – TEA que, também, frequentava a sala de recursos. Havia uma criança que apresentava um grau de dificuldade maior em sua alfabetização, estava na fase silábica. Neste nível, "as crianças percebem a quantidade de letras utilizadas para escrever uma palavra, tem correspondência com a quantidade de partes reconhecidas na emissão oral dessa palavra e, então, registram uma letra para cada sílaba da palavra, sem omitir sílabas e sem repetir letras" (LUCAS, 2008, p. 96). O aluno em questão, compreendia o significado da palavra, definia as letras das sílabas, porém não conseguia ler e não escrevia corretamente.

Os elementos levantados no diagnóstico nortearam a elaboração dos planos de aula, ao tipo de intervenção em cada temática a ser trabalhada. Na regência, busquei estratégias que envolvessem e alcançassem todos os/as estudantes, como a utilização de recursos audiovisuais que estimulam a comunicação. Também busquei formas diversas para dinamizar a participação através de perguntas, nas explanações do conteúdo, levando sempre exemplos a partir da realidade da comunidade, para seguir ampliando para outras experiências.

O planejamento escolar: primeiros desafios

Todo o processo percorrido na universidade, a teorização de componentes curriculares nos leva para o grande momento que é a regência em sala de aula. Sendo assim, a partir do momento em que chegamos à escola, diversos aspectos são rememorados, porém a elaboração de planos de aula não é fácil, pois queremos atingir os/as estudantes nas suas condições de aprendizagem. Ao mesmo tempo, é necessário manter a concepção dialética com estratégias didáticas diversificadas, considerando que a turma não é homogênea.

Para familiarizar-me com a realidade escolar e o seu andamento, elaborei um cronograma de atividades. De início, participei de planejamentos e observações em sala de aula, neste primeiro contato fiquei desnorteada com tantas questões que fazem a sala de aula, mas aos poucos fui compreendendo e adentrando aos conteúdos propostos. O planejamento apresentado pela professora regente estava baseado na Proposta Pedagógica "Continuum Curricular da escola para o ano de 2022 do Ensino Fundamental anos iniciais", cumprindo com as exigências e assuntos a serem trabalhados na Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

Para que pudesse alcançar tais conceitos, elaboramos e planejamos ações que desenvolvi com o intuito de atingir a aprendizagem de forma significativa em cada estudante, diante de suas especificidades. O principal objetivo traçado em cada plano de aula foi baseado na prática social como algo comum entre professora e alunos/as, entendendo, como diz Saviani (2013, p. 21), que "o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa é a prática social", ou seja, a realidade que estamos inseridos.

O ato de planejar faz parte da vida humana, pois planejamos ações a serem executadas diariamente. O planejamento no processo educativo é importante para que pensemos no futuro e nas problemáticas existentes. O planejamento é um traçar de caminho " para o desconhecido, com lucidez e autonomia" (Menegolla; Sant'anna, 2003, p. 24). O planejamento do/a professor/a é a sistematização da aula, com clareza de objetivos, direcionando uma sequência a ser trabalhada, que seja capaz de agregar as especificidades da turma, o que faz ter que escolher métodos e estratégias que atendam à sua diversidade.

Assim, o ponto de partida do planejamento estava nos conhecimentos prévios dos/as discentes, considerando-os princípios norteadores para a abordagem dos conteúdos. O objetivo era que refletissem sobre o conteúdo, podendo construir pensamentos críticos sobre a sua realidade, buscando uma aula motivadora e envolvente. Para isso, busquei organizar metodologias que favorecessem diferentes formas de aprendizagem através do uso de imagem, da escrita e de atividades vivenciadas de maneira lúdica e criativa.

O encontro com a sala de aula: espantos e descobertas

Senti-me acolhida pela escola, pela professora supervisora regente da sala que estagiei, carreguei impressões positivas, apesar de estarem em um reinício de atividades. Como destaquei anteriormente, a escola foi reaberta para essa modalidade de ensino esse ano, por essa razão, estavam com uma carga pesada de trabalho e com dificuldades de adaptação. Além dessa readaptação, havia o tempo de pandemia e as cobranças das famílias por conta do novo quadro de funcionários/as e uma realidade de trabalho escolar que também era nova.

O encontro com a sala de aula provocou um misto de sentimentos, e os acontecimentos desta participação foram registrados e refletidos com a utilização de alguns instrumentos. O diário de bordo me levou a observar o enredo das aulas, o comportamento das crianças e dos

adultos da escola. Diante dos escritos da primeira semana de observação, pude perceber a posição dos/as alunos/as que discutiam entre si, brigavam para fazerem leitura e, por qualquer motivo, acabavam em uma discussão. Registrei que conversavam muito durante a aula, pegavam materiais da professora sem permissão e levantavam constantemente da carteira, dificultando a aula. Foi então que passei a pensar como intervir naquela situação quando chegasse a hora de assumir a turma. Quais estratégias utilizar? Como proporcionar uma sala agradável para professora e estudantes?

A regência para mim foi um desafio, a cada dia deparava-me com as diversas variações existentes. De início, imaginava que iria encontrar uma sala com estudantes menos agitados/as, penso que todos idealizamos salas assim. Como lembra Santos (2019, p. 42), "o sonho de muitos professores ainda é ter uma classe homogênea constituída por alunos quietos, silenciosos, obedientes uniformizados". Enquanto professora, almejamos tais comportamentos buscando uma maior facilidade na atuação, porém esse pensamento reforça a ideia da "mesmice coletiva sem queixumes, porque bem adestrados e devidamente submissos e medíocres" (Santos, 2019, p. 42 e 43).

> Trabalhar no campo da mesmice é, realmente, bem mais fácil do que encarar a diversidade. Por que esta demanda o desenvolvimento de complexos e intensos processos e competências pessoais (tais como a empatia, a tolerância, o respeito, a humanidade, a disponibilidade etc.) e profissionais/técnicos (teóricos e metodológicos). Sobretudo, para encarar a diversidade, é preciso superar o autoritarismo e abrir o leque do diálogo, o que supõe a suspensão de muitas certezas aprioristas e ilusórias (Santos, 2019, p. 43).

No entanto, apesar da existência desse desejo e modelo ser ocorrente em sala de aula, sabemos que as relações humanas são complexas e exigem o desdobramento em diversas situações, mas essa complexidade a torna mais enriquecedora no âmbito educacional. Diante da realidade a qual deparei-me na regência, a cada dia tinha que readaptar ao plano de aula, na relação com a turma e reinventar minhas estratégias.

Para isso, fiz uso de vários recursos metodológicos, partindo de atividades lúdicas e proporcionando experiências diferentes da vivência das crianças. Entendendo a ludicidade como sentimento interno de cada aluno (Lukesi, 2014), procurei alcançá-los com várias ações e, principalmente favo recendo-lhes momentos de escolhas e de compartilhamento de opiniões, se gostavam ou não do que estávamos experimentando.

Foi difícil atingir os objetivos que planejei. Sem me dar conta, me vi em muitos momentos exaltada, até alterando a voz para conseguir explicar o andamento das aulas, atividades e brincadeiras. As crianças ficavam eufóricas, conversavam de forma alterada, pareciam estar competindo para ver quem falava mais alto. Nos momentos de diálogo, tinha participação, gostavam de falar, muitos(as) nem sabiam o que dizer, mas levantavam a mão querendo o momento de fala, era preciso intervir pedindo que ouvissem uns aos outros, relembrando sempre os combinados de respeitar os(as) colegas na sua vez de fala.

Assim, como as professoras da escola, me vi em meio a estas situações. Logo no início, deparei-me sem saber qual caminho seguir, muitas vezes recorri à uma voz mais alta, escrevi o nome no quadro ameaçando-os de ficarem sem algo que gostavam, como, por exemplo, a aula de educação física. Porém essa prática surtia efeito no momento, mas logo voltava ao cenário de caos. Essas situações conflituosas me fizeram ter a certeza de que precisa desenvolver formas que ajudassem os(as) estudantes a se libertarem do ranço de brigas, competitividade e desrespeito que traziam consigo.

Ao ver o comportamento da turma, angustiava-me e ficava pensando como o processo percorrido na universidade, os estudos, rodas de conversas e discussões, entre outras ações que vivenciei nas aulas, poderiam me servir de aporte para construir um ambiente favorável de aprendizagem. Com essas ideias, fui aprofundando-me em pesquisas para que pudesse manter um ambiente mais agradável para exercer meu estágio.

Como estratégia, logo na primeira semana, elaboramos um quadro de comportamentos, denominado “combinados da turma” que consistia em elaborar regras de convivência naquele ambiente, baseado em um procedimento democrático com o objetivo de

> [...] tornar a elaboração das normas uma atividade pedagógica entre tantas outras. Neste caso, as normas são construídas coletivamente pelos alunos, com o auxílio do professor, no interior da sala de aula. Espera-se que, sendo produzidos pelos alunos, estes tenham maior consciência das normas e, assim, estejam mais propensos a observá-las. (...) Concomitantemente, a atividade de elaboração coletiva das normas desenvolveria senso crítico, capacidade de trabalho em grupo e possibilidade de interagir com diferentes pontos de vista (Villela; Archangelo, 2013, p. 121, 122).

Diante do exposto, ministrei essa ação e expliquei como se daria esse momento. Pedi que fossem escrevendo no quadro e expondo as regras ou normas que orientariam a turma. Essa foi uma das estratégias utilizadas para conter alguns momentos da classe, como participaram

de forma direta na elaboração, comentavam entre si o que estava escrito e cumpriam. Recorri a outras táticas como a musicalização, chamamento para a aula, autonomia de escolhas, explanação do andamento da aula, diálogos respeitosos dentre outras condutas. Não sou adepta a grosseria e nem esforços vocálicos no tratamento com pessoas, entretanto, algumas das crianças, ao verem o comportamento dos colegas, falavam para aderir ao grito como a outra professora fazia, segundo eles (as). Porém, fui buscando chamar a atenção de outras formas e consegui, na maioria das vezes, acalmá-las para manter o silêncio através de gestos que solicitavam que se acalmassem. Comecei a perceber que, aos poucos, começava a surgir afeto e algumas mudanças, principalmente na confiança por parte das crianças, para dizer a verdade dos fatos das situações que iam me relatar.

Posso dizer que a turma em que vivi o estágio era um retrato das personalidades diversas existentes em sala de aula. Crianças mais quietas, participativas, mais ativas, como também aquelas que tinham comportamentos indesejados, indisciplinados e desrespeitosos. Ao conversar diretamente com elas e seus responsáveis, quando iam busca-las na escola, ao perguntarem sobre seus/as filhos/as, primeiramente detinha a prática de apontar os pontos positivos, falava sobre as dificuldades apresentadas de leitura ou escrita, sugeria, às vezes, alguns meios pedagógicos para influenciar a leitura, indicava livros de histórias e atividades infantis que poderiam ser estimuladas em casa. Só depois, tratava da conduta indesejada e o como haviam se comportado naquele dia.

Percebe-se que o interior de uma sala de aula envolve diversas questões, sobretudo, de ordem da educação que as crianças recebem em casa. Essa educação define seus comportamentos, desdobrando-se no seu desenvolvimento pessoal e na aprendizagem. Para atuar em sala de aula, é preciso experimentar diferentes táticas, até encontrar aquelas que possam conquistar os(as) discentes de forma positiva, permitindo ser possível, uma sala mais harmoniosa.

O desafio de práticas pedagógicas libertadoras em uma sociedade marcada pelo controle e autoritarismo

A educação Brasileira carrega em sua estrutura efeitos de um período colonial que tinha no seu arcabouço a cultura eurocêntrica, que através da imposição, da violência, visava a

mudança da cultura dos povos nativos existentes, para isso traziam "como referências práticas colonizadoras e autoritárias que buscavam, através de discursos conservadores, estabelecer uma determinada ordem e um desenvolvimento que negavam e excluíam os saberes nativos" (Santos, 2017, p. 132).

O Brasil se criou neste âmbito, uma sociedade que tem essa cultura desde o processo invasivo dos colonizadores, o que mantém viva a ideia de domínio e controle como orientadores das relações sociais. Durante o curso de pedagogia, estudamos componentes que provocaram essas discussões e nos levaram a perceber que a educação foi historicamente pautada em um "ensino disciplinar que incluía vigilância constante, delegação e castigos corporais" (Santos, 2019, p. 23). Dos colonizadores, desde os padres jesuítas, existia uma pedagogia tradicional, marcada pelo autoritarismo e de imposição disciplinadora, induzindo a um comportamento de submissão, sem questionamento e participação. Essa rigidez controladora persiste, ainda que de forma atualizada e menos severa, nas instituições de ensino, sobre a crença de que a melhor forma de exercer o domínio sobre a sala de aula, é através da disciplina e do controle.

Back (2022) salienta que saímos da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, a característica que as definem é a época vivenciada, em que a sociedade disciplinar estava por volta da era moderna, as máquinas tinham seu processo manual, as escolas e outras instâncias detinham o fundamento da disciplina. Com o desenvolvimento tecnológico, segundo Back (2022), a sociedade do controle vai tomando espaço. Apesar dos avanços nota-se, entre a sociedade marcada pela disciplina e esta, que se sobressai o controle, algo em comum existe entre elas, manter as pessoas reféns de um sistema social. Para isso, elas devem ser educadas dentro de limites. Back (2022, p. 7) destaca que "o anseio da disciplina de submeter os corpos a um mesmo princípio – torná-los dóceis – encontra no controle uma expressão mais exata".

Emergidos neste processo, observamos o quanto as formas da sociedade se estruturar impactam na escola, e que, como diz Freire (2022), durante muito tempo teve-se essa justaposição de não participar diretamente, sem diálogo, sem experiências democráticas vivenciando aquilo que é posto. Da mesma forma, vemos o quanto as práticas educacionais também podem interferir nas ações da sociedade de forma mais ampla, por isso é importante proporcionar aos estudantes um olhar emancipador, democrático e participativo.

Para isso, Freire (2022) propõe uma educação libertadora. No contexto atual, suas ideias e teoria se fazem ainda mais válidas, pois trazem uma concepção de liberdade e mudança para

as classes desfavorecidas. Isso quer dizer que é preciso enfrentar os valores do capitalismo na escola, tornando possível a vivência de práticas que sejam opostas a estes valores que oprimem os menos favorecidos. Para Freire (2022), as classes desfavorecidas precisam construir a consciência sobre a realidade em que vivem, serem capazes de compreender as problemáticas, os perigos as quais são induzidas, podendo buscar saídas para enfrentá-los. Para que isto seja possível, as práticas educativas institucionais devem promover mudança de conduta, vencer o caráter autoritário para construir práticas transformadoras.

> A educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem, no brasileiro, antigos e culturológicos hábitos de passividade por novos hábitos de participação e ingerência, de acordo com o novo clima da fase de transição (Freire, 2022, p.124).

De acordo com Back (2022, p. 11), a "educação significa a série de experiências em virtude das quais alguém se torna diferente de quem vinha sendo". Diante deste conceito a educação libertadora propõe uma formação humana em que as gerações estejam livres das correntes capitalistas. "A educação libertadora, contudo, não é um manual de habilidade técnica; é antes, porém, uma perspectiva crítica sobre a escola e a sociedade, o ensino voltado para a transformação social" (Freire; Schor, 1986, P. 25).

No estágio supervisionado, introduzi ideias que considerava uma visão libertadora. Parti da observação do comportamento dos(as) estudantes e a avaliação de minha práxis, dessa maneira fui atribuindo estratégias em que a turma se sentisse respeitada e exercitassem a participação, aprendessem a dar opinião e a esperar sua hora de falar. Para isso, alterei a organização da sala, passei a usar as carteiras em círculo com a ajuda das crianças e explicava que daquela forma estaríamos em conjunto, colaborando uns com os outros, ao contrário da fila, ao qual estavam adaptados. O objetivo era criar um ambiente de compartilhamento de ideias, fazendo-os sentirem-se mais à vontade com a minha presença como professora. Em todos os conteúdos trabalhados, busquei partir do nosso contexto na comunidade, trazia meios provocativos de fazer a abordagem, focando no desenvolvimento do pensamento crítico de nossa realidade, como também, na dialogicidade, como entendida por Freire e Schor (1986, p. 14), para os autores, "o diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual".

Com essas concepções passei a compreender que a uma relação professor(a) e aluno(a) saudável, torna o ambiente escolar um lugar humanizado em que os conhecimentos de ambos são valorizados, onde a posição do(a) não inferioriza o outro, mas o(a) provoca para uma construção e superação. Dessa maneira, compreendemos que "a educação libertadora é, fundamentalmente, uma situação na qual tanto professores como os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes" (Freire; Schor, 1986, p. 46).

Durante o estágio, através da releitura dos registros no diário, percebi que a constância das palavras definindo o mau comportamento da turma, diminuía a cada semana, e vi que era possível fazer da sala de aula um ambiente mais agradável. Considero que as ações exercidas, mesmo que apenas iniciadas, aos poucos estavam surtindo efeito no convívio da turma. Acredito que deixei marcas e impressões positivas em cada uma das crianças, o carinho e o afeto transmitido em formas de lágrimas e abraços pelos/as estudantes ao término do estágio confirmaram essa suposição.

Considerações finais

Este trabalho objetivou refletir sobre o estágio supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola do campo, relatando sobre os desafios vivenciados com a regência que se desafiou libertadora. Portanto, trago a importância do percurso percorrido na universidade até o momento do estágio, sendo este, a referência sobre conhecer o ambiente escolar, comunitário, e a sala de aula. No entanto, o planejamento escolar é o primeiro desafio experienciado, o encontro com a sala de aula traz espantos e descobertas que só sentimos ao vivenciar a experiência, por isso procurei desenvolver ações pedagógicas que favorecessem um ambiente escolar favorável para mim como docente e para os/as estudantes, sempre privilegiando a utilização de práticas não autoritárias.

Dessa maneira, pude compreender que a educação como prática de liberdade, base das ideias de Paulo Freire, me ajudaram a construir no estágio, outras práticas que levem às classes populares, às crianças do campo, uma educação mais humanizada, buscando uma descontinuidade das ideias dominantes e controladoras tão presentes na escola autoritária. A reflexão de como construir práticas pedagógicas libertadoras no contexto escolar em uma

sociedade que tem base escravocrata, dominadora e com tantas desigualdades, é a busca por desmistificar o lugar comum das práticas do cotidiano escolar, para que se quebre esse ciclo e tenhamos pessoas conscientes, cidadãs humanizadas e respeitosas.

Concluímos este relato, destacando que, mesmo no período curto do estágio, é possível desenvolver uma práxis de perspectiva libertadora de forma efetiva e fazer com que elas surtam efeito positivo, principalmente em um contexto de tantas ausências como o de uma escola no campo. De todas as aprendizagens significativas que levamos dessa experiência, penso que a mais intensa é a compreensão de que ser professora é plantar a semente hoje e colher frutos no amanhã, é saber que estamos apenas começando a caminhar por uma estrada que é longa e cheia de desafios, os quais estamos nos dispondo a enfrentar quando nos colocamos no combate às formas autoritárias que estão enraizadas na escola.

Referências

BACK, Rainri. Quem a sociedade de controle pretende formar? **Educ. Soc.,** Campinas, v. 43, 2022 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.243734> visto em: 20/10/22.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. COSTA, Sandy Lima. Teoria e prática no debate sobre formação docente: a aprendizagem da docência no início da carreira. **Textura - Revista de Educação e Letras.** V. 24 n. 59 p. 126-149 jul./set. Ceará, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade. Editora:** Paz e terra, 53º ed. Rio de Janeiro, 2022.

FREIRE, Paulo. SCHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986 (Coleção educação e Comunicação, v. 18).

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco. **Os processos de Alfabetização e letramento na educação infantil: contribuições teóricas e concepções de professores**. São Paulo. 2008.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014.

MENEGOLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. P**or que planejar? Como planejar? Currículo - Área - Aula**. Editora Vozes. Petrópolis 2003.

MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa crítica** = Aprendizajesiginificativo crítico. Porto Alegre, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. Revista Poíesis - Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia Histórico-Crítica na Educação do Campo**. Pedagogia histórico-crítica e educação no campo: história, desafios e perspectivas atuais. Jaqueline Daniela Basso; José Leite dos Santos Neto; Maria Cristina dos Santos Bezerra (Orgs). São Carlos: Pedro & João Editores e Navegando, 2016. 305p.

SANTOS, Gilberto Lima dos. **Docência e cultura escolar: sabotando a sabotagem.** Timburi, São Paulo: Editora Cia do e-Book, 2019.

SANTOS, Viviane Brás dos. **Representações sociais: implicações da formação docente no processo da educação contextualizada.** Minha aldeia é todo o mundo: saberes e práticas educativas contextualizadas / Pedro Paulo Souza Rios e André Ricardo Lucas Vieira (organizadores) – Curitiba: CRV, 2017.

RIOS, Pedro Paulo de Souza. **O estágio da educação infantil: ensino, pesquisa e formação docente.** Tecendo Reflexões sobre pesquisa em educação e prática pedagógica no Semiárido / Pedro Paulo Souza Rios (organizador) - Curitiba: CRV, 2022. 312p.

VILLELA, Fabio C. B.; ARCHANGELO. Ana. **Fundamentos da escola significativa**. São Paulo: Edição Loyola, 2013.